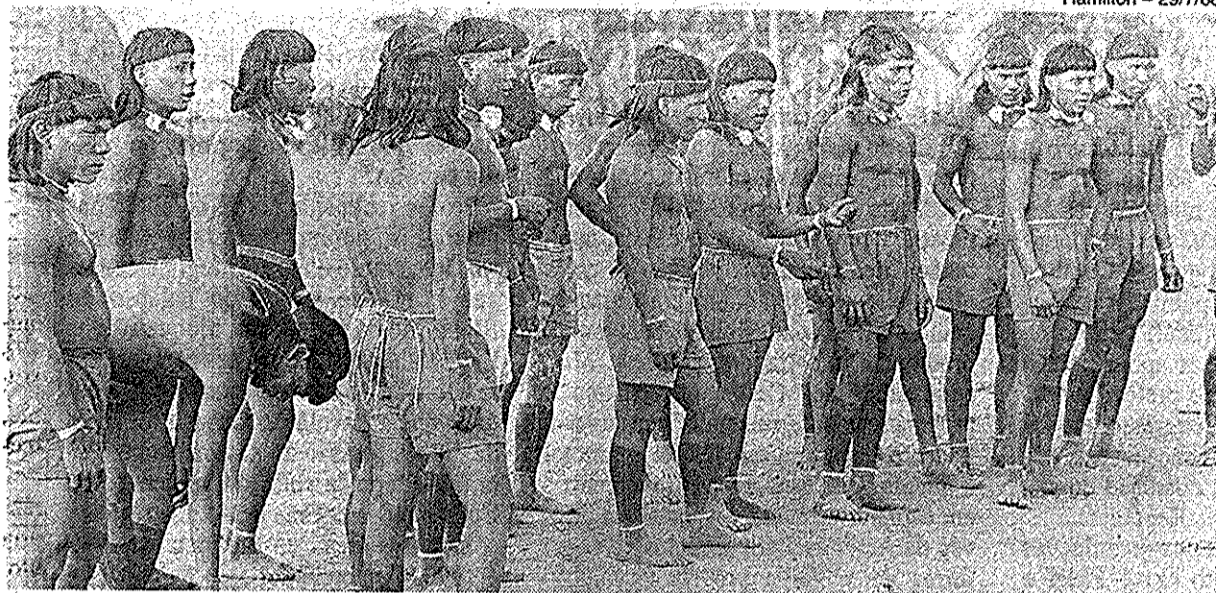


JB
5/12/98 Pg 5
471

BRASIL

Hamilton - 29/7/68



Os xavantes, em Wamrême Za'ra: Nossa palavra, descrevem como "amansaram" os wasaru, os brancos

Índios contam sua versão da história

Livro escrito por xavantes relata seus contatos com os brancos

WAMRÊME ZA'RA - NOSSA PALAVRA: MITO E HISTÓRIA DO POVO XAVANTE
Sereburá, Hipru, Rupawê, Serezabdi e Senénimírâm
Senac, 158 páginas
Tel.: (011) 236-2185
R\$ 35

CARLOS AUGUSTO DA ROCHA FREIRE

Mesmo tendo estabelecido os primeiros contatos com colonizadores do Centro-Oeste brasileiro no século 18, em meados do século 20 os índios Xavante ou A'uwê – gente de verdade – ainda simbolizavam o interior do Brasil que devia ser conquistado. No início da Campanha da Marcha para Oeste, no Estado Novo, os A'uwê foram massacrados em chacinas organizadas por garimpeiros e colonos que invadiam seu território.

As tentativas de pacificação dos A'uwê já haviam levado à morte dois missionários salesianos nos anos 30, e a maioria da equipe de atração constituída pelo Serviço de Proteção aos Índios (SPI) em 1941. Após essa tragédia, o Inspetor do SPI Francisco Meirelles assumiu a chefia dos trabalhos de atração em 1944, conseguindo estabelecer o contato com esses índios em 1946, no rio das Mortes (MT).

O livro *Wamrême Za'ra - Nossa palavra* traz a versão dos A'uwê para essa época e seus fatos. Nos depoimentos, Sereburá, Hipru, Rapawê, Serezab-

di e Sereñimírâmi, os mais velhos A'uwê da aldeia Pimentel Barbosa, rememoram a vida de seu povo antes do contato e como resolveram amansar os wasaru – os brancos – nos anos 40.

A sobrevivência da cultura, do *ethos* A'uwê, está vinculada à comunicação das palavras criadoras, expressão da experiência milenar contida nas narrativas tradicionais. Nas conversas dos padrinhos com os guerreiros *Wapté*, nos cantos rituais, nos discursos ao pé da fogueira ocorre a transmissão de conhecimentos dos velhos sábios.

Entretanto, sentindo que irão morrer em breve, eles temem que seus netos esqueçam as palavras criadoras. Para que estas cheguem aos jovens, os A'uwê estão usando três armas dos wasaru: a palavra impressa em cartilhas e livros, a gravação de depoimentos e histórias, além da filmagem de sua vida cotidiana.

No livro *Nossa palavra*, os mitos falam de Antes de tudo, traduzindo a formação do universo A'uwê: o estabelecimento de normas de comportamento, regras de parentesco, a competição por recursos e a hierarquização da vida social.

A segunda parte, *Nossa história*, possibilita um confronto das visões do contato. Do lado dos wasaru, os salesianos documentaram suas iniciativas em vários textos, mas Francisco Meirelles e outros indigenistas do SPI

envolvidos na pacificação se limitaram aos relatórios e correspondências burocráticas.

Nossa história fornece o contraponto A'uwê, a visão indígena dos inúmeros encontros até a chegada da equipe do SPI. Os A'uwê falam de como a despovoamento, causada pelas doenças trazidas pelos wasaru, unia aldeias que a guerra entre clãs rivais cindia, e como a magia direcionada possibilitava o recebimento de presentes – machados e facas. A introdução da nova tecnologia alterava as relações sociais, havia conflitos entre clãs que não respeitavam a magia de "atração" dos wasaru. Era difícil a negociação entre aldeias: deviam guerrear ou manter a paz?

Na história dos A'uwê, diversos fatores – geográficos, sociais – possibilitaram aos índios da aldeia de Pimentel Barbosa construírem sua autonomia cultural frente às pressões dos wasaru. Tida como a aldeia mais tradicional dos A'uwê, em Pimentel Barbosa os professores indígenas são preparados para ensinar seus alunos a escrever e ler na própria língua.

Hoje os A'uwê interpretam a pacificação a seu modo, mito e história se cruzam criando sentido para novos fatos. Nós, os wasaru, éramos bichos feroces que os A'uwê domesticaram.